

ENTRE CARTILHAS E LIVROS DE ALFABETIZAÇÃO: LER E ESCREVER EM BIRIGUI NO SÉCULO XX

BETWEEN HORNBOOKS AND BOOKS OF LITERACY: READING AND WRITING IN THE TWENTIETH CENTURY AT BIRIGUI

Áurea Esteves Serra¹
Camila Lemos Moreno²
Thais de Azevedo Manaia³

Resumo

O presente trabalho de cunho histórico teve como objetivo mapear as cartilhas e os livros de alfabetização que circularam na cidade de Birigui no século XX. Para que este objetivo fosse alcançado buscou-se em bibliografia especializada apropriar-se dos temas que envolvem a temática do estudo. Para o mapeamento das cartilhas e dos livros de alfabetização mais usados para ensinar a ler e escrever no presente município foi realizado entrevistas e levantamento de dados em todas as bibliotecas da cidade de Birigui. Com o levantamento realizado foi possível se chegar ao resultado final deste trabalho, que se apresenta dividido em três partes: na primeira, apresenta-se um breve histórico sobre a alfabetização, desde o final do século XIX, até a reforma no modelo de ensino com a implantação do construtivismo; em seguida apresentam-se os manuais de alfabetização: as cartilhas e os livros didáticos, discorrendo sobre suas características e utilização na alfabetização brasileira. Na segunda parte, inicia-se com um breve histórico sobre a cidade de Birigui, desde sua fundação, os primeiros habitantes, as primeiras casas, igrejas, escolas e fábricas, fatos importantes que aqui ocorreram, possibilitando o desenvolvimento do município, para em seguida apresentar os manuais escolares localizados nas bibliotecas da cidade, como também os citados nas entrevistas com os ex-professores alfabetizadores do município. Ao final, aponta-se uma junção e análise das duas primeiras partes, que nos remete a compreender como era direcionada a questão do ler e escrever em Birigui no século XX, isto é quais materiais foram utilizados para alfabetização. Desse modo contribui-se com um registro por meio do qual as futuras gerações poderão conhecer como era a alfabetização naquele período tendo por objetivo primeiro a preservação da memória e do patrimônio cultural quanto dos manuais utilizados.

Palavras-chaves: alfabetização. cartilhas. livros didáticos.

Abstract

The following work of historical Mark HD the purpose to map the spelling – books and books of the teaching of reading which ran in the town of Birigui in the XX century. To reach this aim there was a searching in specialized bibliography to adapt the topics that involves the thematic of the study. For the mapping of the most useful the spelling-book and books of teach

¹ A autora possui doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília/SP. Atualmente esta professora efetiva da Fundação Municipal de Ensino de Birigui, Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui, diretora efetiva de escola municipal, Prefeitura Municipal de Birigui. .

² Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Fundação Municipal de Ensino de Birigui.

³ A autora possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pelo Fundação Municipal de Ensino de Birigui.

and reading to teach how to read and write in the present county it was taken interviews and statistics of dates in all the libraries in the town of Birigui. With the statistics accomplished it was possible to get the final result of this work: which presents itself divided into 3 parts. The first part is related to a brief historical about the teaching of reading from the end of the XIX century up to the reform in standard teaching with the implantation of the construtivism. Afterwards presents the manuals of teaching of reading: the spelling-books and the didactic books, discoursing on their characteristics and the utilization in the brazilian teaching of reading. The second part started with a brief historical about the town of Birigui, since it foundation, the former inhabitants, the former houses, churches, schools and factories, important facts that took place here, helping with the development of the country to farther presenting the school materials founded in the libraries of the town, as well as those stated in the interviews with the teaching of reading former teaches of the county. At the end it's pointed out a matching and analysis of the two first parts: that leads us to make out how the issue about readings and writing was directed in Birigui in the XX century, that is, which materials were used for the teaching of reading. Therefore the present search contributes to a register which the future generations will know as the teaching era of that time aiming at first the preservation of the memory and the cultural assets as well as the manuals used by them.

Keywords: teaching of reading. didactic books. Birigui.

Introdução

Durante a disciplina de “Princípios e Métodos de Alfabetização”, cursada no quarto semestre do curso de Pedagogia, o tema alfabetização despertou nosso interesse e conversando com a nossa professora, Dra. Áurea Esteves Serra, foi-nos proposto o tema: “A Alfabetização em Birigui no século XX: as cartilhas e livros de alfabetização usados pelos professores”. A partir desse tema, buscamos livros, artigos, *sites* e trabalhos já existentes que tratassem desse assunto tendo por objetivo nos inteirarmos sobre este, e tudo mais que se refere ao tema central, possibilitando assim uma pesquisa bibliográfica que nos auxiliou no estudo e desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Por meio dessas leituras, foi possível compreender mais sobre o tema, embasando e estruturando o projeto de pesquisa, a fim de contribuir para com o registro de história da alfabetização na cidade de Birigui no século XX.

Também conversarmos com professores aposentados, os mais antigos, entrevistando-os, tendo por objetivo o levantamento das cartilhas utilizadas e/ou livros de alfabetização.

Ainda quanto à quantificação, realizamos um levantamento das cartilhas e livros de alfabetização disponíveis nas bibliotecas e salas de leitura da cidade mapeando as cartilhas e

livros de alfabetização existentes nos respectivos acervos, focando principalmente o ano da publicação.

Para a realização da pesquisa, estabeleceram-se, os seguintes objetivos:

- Mapear cartilhas e livros de alfabetização que circularam na cidade de Birigui no século XX.
- Elencar quais as cartilhas de alfabetização foram mais usadas para ensinar a ler e escrever.
- Pesquisar quais os livros de alfabetização forma mais usados para ensinar a ler e escrever.

Como hipótese foi estabelecida: sendo a escola um lugar onde se consolidam referências culturais e onde se compartilha, por meio da articulação entre a experiência pessoal e a experiência coletiva, o uso de cartilhas e/ou livros de alfabetização, quais as referências culturais sobre alfabetização na cidade de Birigui no século XX? Isto é, quais as cartilhas e livros de alfabetização presentes nas salas de leitura e bibliotecas da cidade de Birigui? Estes podem representar indícios importantes sobre a história da alfabetização nesta cidade.

1. Alfabetização: ler e escrever

1.1 Breve histórico sobre a alfabetização

A história da alfabetização em nosso país, segundo Mortatti (2000), foi centrada na história dos métodos de alfabetização, na disputa para descobrir qual melhor método garantiria uma aprendizagem mais eficaz para se aprender a ler e escrever. Desde o final do século XIX, estudiosos da área da educação vêm tentando resolver o mesmo problema: que é a dificuldade das crianças em aprender a ler e a escrever, principalmente na escola pública.

Com a Proclamação da República, foi que o tema alfabetização ganhou destaque. Nessa época a educação era restrita a poucas pessoas, sendo que algumas eram alfabetizadas em suas próprias casas, e outras em “escolas” do império com aulas régias⁴.

⁴ As aulas régias compreendiam o estudo das humanidades, sendo pertencentes ao Estado e não mais restritas à Igreja - foi a primeira forma do sistema de ensino público no Brasil. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_aulas_regias.htm>.

Até o final do império, as “aulas régias” eram ministradas de forma precária, existiam poucas escolas, estas na verdade nem poderiam ser consideradas escolas, pois eram salas adaptadas, contendo alunos de várias “séries” juntos. Os materiais disponíveis para ensinar a ler e escrever, também eram precários. E foi somente na segunda metade do século XIX, que os professores começaram a utilizar livros impressos, adaptados, ou editados na Europa. Também eram utilizados para a iniciação do ensino da escrita as chamadas “cartas de ABC” e os métodos de marcha sintética, também conhecido como método sintético, que consiste em alfabetizar a partir de letras para o “todo” (palavras). Outros métodos utilizados era o da soletração (silábico), partindo dos nomes das letras; o método fônico partindo dos sons correspondentes às letras e o método da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Em relação à escrita, era baseada somente na caligrafia e ortografia, “treinando-os” mediante cópias e ditados, sempre focados no formato correto das letras.

De acordo como Mortatti (2000), as primeiras cartilhas brasileiras foram produzidas no final do século XIX, por professores paulistas e fluminenses, baseadas no método sintético. Circularam por vários estados do país, por muitas décadas.

Ainda de acordo com a autora, um momento crucial para a história, foi em 1876, quando foi publicada em Portugal a *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*.

Nesse sentido a autora explicita:

Contido na *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*, escrita pelo poeta português João de Deus (Ramos) e publicada, em Portugal, em 1876, o “método João de Deus” passa a ser divulgado sistemática e programaticamente no Brasil, a partir do início da década de 1880, por Antonio da Silva Jardim, positivista militante e professor de Português da Escola Normal de São Paulo. Fortemente influenciado pelo novo método e sua base positivista, Silva Jardim passa a produzir as primeiras tematizações brasileiras a respeito do ensino da leitura e da língua materna, propondo reformas no ensino tradicional praticado até sua época. (MORTATTI, 2000, p. 25).

Ainda segundo a autora, a disputa entre os que defendiam o então novo e revolucionário método analítico para o ensino da leitura e os que continuavam a defender os ainda tradicionais métodos sintéticos, foi muito acirrada, gerando assim a produção de inúmeras cartilhas baseadas em um ou em outro método.

No ano de 1890, aconteceu a reforma da instrução pública no Estado de São Paulo. A reorganização começou pela Escola Normal de São Paulo, com o objetivo de servir de modelo

para os outros estados. E em 1896, foi criado o Jardim da Infância nessa escola. Esta reforma teve como base os novos métodos de ensino, em especial o então novo e revolucionário método analítico para o ensino da leitura.

Para Mortatti (2000), foi a partir dessa primeira década republicana, que os professores formados pela escola normal passaram a defender o método analítico para o ensino da leitura e este se espalhou para outros estados brasileiros, por meio dos trabalhos de professores paulistas.

O método analítico foi então instituído na primeira década republicana, tornando-se oficialmente um método usado dentro das salas de aula para ensinar a ler e escrever. Já na segunda metade da década de 1920 passou-se a utilizar os métodos mistos, também conhecidos como métodos ecléticos, chamado de analítico-sintético ou vice-versa. Esses métodos ficaram presentes no contexto escolar até meados da década de 1970.

A autora ainda informa que essa busca em se encontrar o melhor método para alfabetizar aumentou ainda mais, com a repercussão do livro *Testes ABC* de Lourenço Filho. Ainda segundo Mortatti (2000), a partir do início da década de 1980, essa tradição passou a ser sistematicamente questionada, em decorrência de “[...] novas urgências sociais e políticas decorrentes das pressões [...]” (MORTATTI, 2000, p. 257), a fim de se enfrentar, particularmente, o fracasso da escola na alfabetização de crianças. Como “uma esperança no final do túnel”, os professores encontram soluções para esse problema, no pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita, desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emilia Ferreiro e colaboradores.

O construtivismo foi então introduzido no Brasil, ficando para trás as antigas discussões de quais seriam os melhores métodos de ensino para o processo de aprendizagem da leitura e escrita da criança. Para Mortatti (2000), o construtivismo se apresenta não como um novo método, mas sim com uma “revolução conceitual” (p.266), abandonando-se assim as teorias e práticas tradicionais, e se questionando sobre a necessidade do uso das cartilhas.

Outro acontecimento importante apontado por Mortatti (2000) na década 1980 foi a emergência do pensamento interacionista em alfabetização, que foi gradativamente ganhando destaque e ocasionando certa disputa entre os defensores do construtivismo. Porém essa “disputa” foi se diluindo, conforme as ideias do interacionismo foram se conciliando com as do construtivismo, no discurso sobre alfabetização.

Depois de passados os primeiros anos de impacto e turbulência que essa reforma provocou, devido à insistência, permanência e grandes investimentos contínuos nessa proposta, conseguidos mediante a divulgação e a promoção dela em outros estados brasileiros, foi atingido assim grande parte do país.

Com isso o pensamento construtivista de Emilia Ferreiro se tornou referência em âmbito nacional e está presente no ensino oficial na alfabetização, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Mesmo tendo provocado de imediato reações contrárias entre os profissionais da área da educação, sobretudo os que trabalhavam com alfabetização, e mesmo também as críticas que sofreu por diversos estudiosos da área, a proposta foi um grande marco na história da alfabetização brasileira. E sua permanência até hoje nos mostra que, se não mudou totalmente as práticas dos professores alfabetizadores, “[...] pelo menos alterações significativas nas tematizações e normatizações sobre alfabetização [...]” (MELLO, 2008, p. 106) ocorreram.

2. Os Manuais de Alfabetização

2.1 Cartilhas de alfabetização

Segundo Carlos Fioravanti (1996), durante muitos anos as cartilhas foram o principal instrumento de alfabetização dos brasileiros. E de acordo com Mortatti (2000), uma das primeiras cartilhas a serem divulgadas no Brasil foi *Cartilha Maternal* ou *Arte da Leitura*, trazida de Portugal no final do século XIX, tendo sido escrita pelo poeta português João de Deus.

Como Mortatti (2000) afirma, foi por meio dessas cartilhas que outros autores se inspiraram e se basearam para escrever e publicar as primeiras cartilhas brasileiras.

Para Mortatti (2000), Lourenço Filho foi um dos grandes educadores brasileiros que desenvolveu vários projetos para alfabetizar, produzindo as cartilhas *Upa Cavalinho*, e a *Cartilha do Povo*. No ano de 1928, *Cartilha do povo: para ensinar a ler rapidamente*, teve sua primeira edição pela Companhia Melhoramentos, tendo uma tiragem de 1.080.000 exemplares.

De acordo com Bertoletti (1997), quase trinta anos depois, Lourenço Filho publicou cartilha *Upa Cavalinho!* Essa teve sua primeira edição publicada em janeiro de 1957, com a

tiragem de 1.000.000 de exemplares. Quanto às lições dessas cartilhas a autora também informa que não seguem um método “puro”; os professores optam, portanto, pelo método misto, ou seja, as cartilhas servem para o ensino da leitura e da escrita tanto pelo método sintético quanto pelo analítico.

Além das cartilhas citadas, outras duas são muito conhecida em nosso país. A *Cartilha Sodré*, escrita pela professora Benedicta Stahl Sodré, que ajudou a alfabetizar milhões de crianças brasileiras nas décadas de 1940, 1950 e 1960, tendo sido produzida até o ano de 1980.

Uma de suas primeiras lições foi a da “pata”, contendo um texto escrito da seguinte forma: “uma pata branca pairando no lago”; os alunos teriam que repetir junto com a professora as palavras acompanhando as figuras. Nessa atividade o método utilizado era o fônico no qual os alunos associavam letras e desenhos aos sons dos vocábulos. Ex: “A pata nada!” (p. 9).

E a cartilha *Caminho Suave* lançada em 1950 que vendeu 40 milhões de exemplares. Foi o maior sucesso editorial do país e o símbolo por excelência da alfabetização tradicional. Nela, figuras simples associam sílabas a imagens. O “ba”, por exemplo, é o contorno da barriga de um bonequinho. Sua primeira lição foi da “barriga”, na qual havia um desenho de bebê, uma babá e uma bacia onde o bebê estava tomando banho, e da barriga do bebê formava a letra b. Complementando a lição havia um texto escrito da seguinte forma: “Barriga ba, babá lava o bebê eu vejo a barriga do bebê” (p.34). Em seguida os alunos teriam que copiar várias vezes e treinar a leitura.

Foi nesse crescente processo de produção de inúmeras cartilhas, que no século XX ela se tornou uma figura constante no processo de ensino de alfabetização, sendo um material muito utilizado pelos professores como:

Um recurso didático que se juntou ao processo de ensino da leitura e da escrita como algo ‘natural’. Usada como único recurso ou apenas como material complementar, ela tem sido um instrumento indispensável em sala de aula, para a grande maioria dos professores. (AMÂNCIO, 2002, p.14).

De acordo com Amâncio (2002), os professores naquela época muitas vezes utilizavam as cartilhas por falta de opção, pois tinham pouco material didático disponível para

ensinar a ler e escrever, e/ou muitas vezes não tinham o privilégio de escolher o material com que gostariam de trabalhar, pois este era escolhido pelo governo.

Outra autora que trata da alfabetização com cartilhas é Serra (2007) no seu livro: “*A formação do Professor Alfabetizador de Birigui*”, esta apresenta o processo de construção da cartilha “*Vamos ao Circo*”, elaborada pelas alunas do Curso de Aperfeiçoamento, da escola IE “Prof. Stélio Machado Loureiro”. O objetivo, segundo a professora Maria Ignêz Villaça era ajudar as alunas do Curso de Aperfeiçoamento, que tinham dificuldades em ensinar a ler e escrever, entender a leitura e a escrita, uma vez que essas alunas tinham receio de como iriam alfabetizar seus alunos.

As cartilhas apresentadas no texto acima foram as mais conhecidas e utilizadas nacionalmente, entre elas também apresentamos a cartilha *Vamos ao Circo*, devido à grande importância que teve na formação das normalistas no ano de 1963 no município de Birigui e que foi objeto de pesquisa em dissertação de mestrado como já mencionado anteriormente.

Além dessas cartilhas ainda tem-se inúmeras outras cartilhas publicadas e utilizadas no nosso país, como por exemplo: *Cartilha da Mimi*, *Carrossel*, *No Reino da Alegria*, *Pirulito*, *Mundo Mágico*, *Chuvisco*, *Dominó*, *Cartilha do Arco Íris*, *ABC*, *Bitu*, *Alegria de Saber*, *Como é Fácil*, *Lalau Lili e o Lobo*, *No Reino da Natureza*, *Todas as letras*, *Alô Amiguinhos*, *A Toca do Tatu*, dentre muitas outras.

Por muitos anos elas foram o único material disponível para ajudar os professores a alfabetizar seus alunos, mas com a mudança no modelo de ensino elas foram radicalmente eliminadas do sistema escolar, sendo consultadas apenas de uma maneira não oficial por alguns professores que relutavam em aprender e utilizar o novo método na alfabetização de seus alunos.

De acordo com Fioravanti (1996), foi no ano 1995 que o Ministério da Educação retirou do catálogo da alfabetização as cartilhas “tidas como tradicionais”, decorrentes do novo método de ensino baseado na teoria construtivista de Emilia Ferreiro. Ainda para esse autor ficou assim uma lacuna de materiais didáticos disponíveis para serem utilizados pelos professores, já que as cartilhas já não eram mais aceitas. Foi então que para preencher essa lacuna, escritores deram início à produção de outro material gerando um grande movimento de publicações de outros materiais: os livros de alfabetização, que veremos mais detalhadamente a seguir no próximo subtítulo.

2.2 Livros de Alfabetização

Depois de um longo período utilizando cartilhas para alfabetizar, a educação passou por uma grande reforma nacional, reavaliando os métodos que eram utilizados para ensinar a ler e escrever. Vale lembrar que desde 1929 foi criado o Plano Nacional do Livro Didático, um dos maiores programas governamentais de aquisição de livros didáticos do mundo. E em 1985 foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que tem como objetivo a distribuição aos estudantes da rede pública de ensino obras didáticas.

Segundo Frade e Maciel (2006), os livros de métodos mais rígidos e inflexível e/ou com problemas de autenticidade em seus textos, foram excluídos do contexto escolar.

Nesse sentido, as autoras afirmam, que “[...] em 1996 instaura-se um processo de avaliação das cartilhas pelo governo federal que praticamente inaugura outra política de regulação, avaliação e compras de livros para alfabetizar”. (FRADE; MACIEL, 2006, p. 17).

Conseqüentemente o mesmo ocorreu com as cartilhas utilizadas para alfabetizar, que foram retiradas do ambiente escolar, por não irem ao encontro da linha do pensamento construtivista; eram consideradas tradicionais e inadequadas para ensinar a ler e escrever.

Ainda segundo as autoras supracitadas os novos modelos de livros produzidos a partir destas concepções mudaram a vinculação que se fazia até a década de 1980, entre livro para alfabetizar e a identidade de um método para alfabetizar. A própria política de livros didáticos no país foi mudada com a apropriação destes novos referenciais.

Para Fioravanti (1996), as cartilhas inspiradas no construtivismo, agora denominadas livros didáticos de alfabetização, apresentavam a proposta de alfabetização com palavras utilizadas no próprio cotidiano da criança, como, por exemplo, brincadeiras, festas e outros. Entretanto a preocupação não estava voltada a escolher termos fáceis ou difíceis, mas sim em incentivar o aluno à leitura, mostrando que esta pode ser prazerosa e divertida. Para isso, podiam ser trabalhados diversos gêneros textuais como, por exemplo, poemas, parlendas, receitas culinárias, jornais, cartas, propagandas, bilhetes, cruzadinhas, gibis, contos, histórias, letras de músicas, entre outros. Não importava o gênero textual, mas sim como a criança trabalharia a interpretação e alcançaria o objetivo proposto pelo professor.

No decorrer de nossas pesquisas foram encontrados diversos livros de alfabetização, dentre estes um dos mais encontrados foi o livro didático *Alfabetização – Análise, Linguagem*

e *Pensamento* dos autores, Marco Antonio Hailer e Maria Fernandes Cocco, publicado em 1995 pela editora FTD, contendo 224 páginas. Segundo Fioravanti (1996), desde as primeiras páginas, o livro vem estimulando o aluno a compreender o significado de embalagens, peças publicitárias, placas de trânsito, dentre outros.

Outro livro muito recorrente nesta pesquisa é o livro didático *Pipoca*, da editora Saraiva lançado em 1981, sendo reformulado em 1992. O livro contém 176 páginas. Segundo Fioravanti (1996), é a “cartilha construtivista” mais antiga, que já vendeu cerca de cinco milhões de exemplares. Sua proposta está voltada para a divisão das palavras em sílabas, mas terminam aí as semelhanças com as tradicionais. O livro se esforça para estimular e desenvolver a imaginação. Muitas de suas lições são baseadas em brincadeiras, como por exemplo, brincadeiras de gato e rato ou uma receita para construir um cavalo de pau, incentivando a exploração e a imaginação de um novo vocabulário.

Além dos dois livros citados também foi localizado o livro *Descobrimo a Vida* das autoras Maria Regina Giesen e Vanda Garcia, editora do Brasil, contendo 240 páginas. De acordo com Fioravanti (1996), o livro foi lançado em 1993, e apresenta muitas formas de escrita, mas sempre valorizando a produção de textos pelas crianças. As letras eram trabalhadas ao mesmo tempo.

E foi nesse processo de inúmeras produções de livros didáticos, que aumentou o número de representantes de uma novíssima geração de livros que utilizam práticas construtivas no seu método de alfabetização. Nesse sentido Fioravanti (1996) explicita:

As cartilhas construtivistas não ensinam a ler a partir das sílabas, como as tradicionais. Estão cheias de poesias, canções, notícias de jornal, peças de publicidade e outros textos do dia-a-dia que, acredita-se retratam a realidade e os interesses das crianças. (FIORAVANTI, 1996, p.1).

Contudo há ainda hoje muitos profissionais da área da alfabetização que criticam e duvidam que esses livros didáticos sejam os melhores para alfabetizar os alunos, principalmente os professores mais antigos, que são ainda a favor dos métodos tradicionais, podendo-se constatar isso claramente nas entrevistas realizadas com ex-professores alfabetizadores. Entretanto, o caso aqui focalizado não é julgar qual o método ou cartilha é melhor, mas somente mapear as cartilhas e livros de alfabetização que circularam na cidade

de Birigui no século XX, para assim apresentar um pouco da história da alfabetização no referido século.

2. Os manuais escolares no município de Birigui

2.1 Breve histórico sobre a cidade de Birigui

Birigui é uma cidade da região Noroeste do Estado de São Paulo, situada a 521 km da capital. Foi fundada em sete de dezembro de 1911 pelo senhor Nicolau da Silva Nunes. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico (IBGE) – 2010, a cidade possui 108.722 habitantes.

Seu surgimento se deu a partir de uma Chave da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, localizada entre os quilômetros 259 e 261 da estrada de Ferro Noroeste.

No mesmo ano junto com sua família, Nicolau mudou-se para a referida Chave de Birigui. Segundo Cunha (1997), sua primeira moradia foram dois vagões usados como transporte, emprestados pelo diretor da Estrada de Ferro, Dr. José Mattos Sampaio Corrêa. Além de sua família vieram juntamente com eles: Francisco Galindo de Castro e Francisco Martins Archilla ou Francisco Romero e o empregado Manoel Ignácio.

Ainda de acordo com Cunha (1997), em dezembro do mesmo ano Francisco Galindo de Castro voltou para sua casa para passar o natal com a família, em seu retorno à Chave trouxe consigo sua esposa Dona Antonia Real Dias, para cuidar dos afazeres domésticos; ela ficou conhecida como a primeira mulher a residir em Birigui.

Decididos a residir em Birigui, surgiu a necessidade de uma casa para morarem, e foi em sete de dezembro que Nicolau ergueu a primeira casa feita de pau a pique, situada na rua dos Fundadores com a rua Silves.

Com o cultivo do café, mais tarde foram chegando a Birigui algumas famílias, entre estas imigrantes, espanhóis, italianos, portugueses e ingleses. “Os ingleses, na maioria das vezes, eram engenheiros e administravam a venda da terra, e os portugueses e italianos lidavam com a terra, trabalhavam como agricultores.” (SERRA, 2007, p. 29).

A educação na cidade, no início, passou por grandes dificuldades. Sem terem uma escola oficial, estudavam em casas cobertas com sapê, ou em galpões cobertos por tábuas, em condições muito precárias, muitas vezes sem luz e sem condições sanitárias. E foi em 1914

que surgiu a primeira escola de Birigui, que ainda segundo Serra (2007), foi denominada Escola do Sexo Masculino e Escola do Sexo Feminino, funcionando em 1914 até 1924, situada na Avenida Governador Pedro de Toledo. Mais tarde foi construída uma instituição de ensino estadual, em um terreno doado por Nicolau da Silva Nunes, e esta foi denominada Escolas Reunidas, depois passando a ser o primeiro Grupo Escolar de Birigui.

A autora informa que desde sua fundação Birigui se destacava na agricultura, com a produção de café, e foi na década de 1920, que atingiu o seu auge, se tornando uma das maiores produtoras de café da região Noroeste. Mas com a crise do café em 1930, a produção foi rapidamente reduzida, obrigando os produtores rurais a buscar novos recursos para sua sustentabilidade, fazendo assim com que outras culturas agrícolas surgissem, como o plantio do algodão e do amendoim.

Ainda de acordo com Serra (2007), em 1940, Birigui foi um dos maiores produtores de algodão de toda a região Noroeste do Estado de São Paulo, superando outras cidades vizinhas, como Araçatuba, Lins, Penápolis, devido à grande quantidade de algodão produzido.

No ano de 1958, foi instalada em Birigui a primeira empresa de calçados infantis, denominada Ramos & Assumpção, dos pioneiros Antônio Ramos e Francisco Assumpção. O crescimento foi devagar, surgindo apenas duas fábricas no período de 1960 a 1970. “Somente na década de 1980 é que Birigui atingiu a condição de polo industrial calçadista, com 106 novas fábricas [...]”. (SERRA, 2007, p. 34).

2.2 Os Manuais escolares localizados nas bibliotecas da cidade

Mapeando as instituições de ensino do município de Birigui, foram localizadas nestas um total de 34 bibliotecas e/ou salas de leituras, sendo duas bibliotecas públicas, 13 bibliotecas em Escolas Estaduais, 12 bibliotecas em Escolas Municipais, três bibliotecas em Escolas Particulares, três bibliotecas em instituições de Ensino Superior. Nestas instituições foram localizadas um total de 39 cartilhas e 42 livros de alfabetização, todos publicados no século XX, pois este foi um dos critérios estabelecidos para esta pesquisa.

2.3 Os manuais escolares citados nas entrevistas

Quando estávamos cursando o 4º semestre de pedagogia, na disciplina “Princípios e Métodos da Alfabetização”, a nossa professora nos propôs um trabalho de entrevista com os ex-professores alfabetizadores de Birigui. Cada aluno de nossa sala ficou responsável por entrevistar pelo menos um ex-professor da lista que a nossa professora disponibilizou. Foi uma experiência muito interessante, pois fomos até as casas desses ex-professores, conversamos com eles, tivemos contatos com seus materiais antigos de ensino utilizados nas escolas que lecionaram, compartilharam conosco lembranças de seu tempo de professores.

Quando começamos a desenvolver nossa pesquisa, a professora disponibilizou esses materiais das entrevistas para utilizarmos em nosso trabalho, enriquecendo-o.

Quantificando o material das entrevistas, foram entrevistados 65 ex-professores alfabetizadores, sendo que 63 são mulheres e dois homens. Na entrevista foram arrolados 71 manuais de alfabetização, desses 40 cartilhas de alfabetização e 31 livros de alfabetização.

3. Os manuais escolares: cartilhas e livros de alfabetização

Um elemento que emerge, a partir da análise dos dados desta pesquisa, é que a cartilha mais utilizada em Birigui no século XX foi a *Caminho Suave*, possibilitando a compreensão dos aspectos mais amplos sobre a alfabetização na cidade de Birigui. Isso procede, em grande parte da formação proposta para o professor primário a partir da política nacional. Vejamos como chegamos a essa conclusão.

Entrecruzando os dados presentes nessa pesquisa- mapeamento dos manuais escolares, cartilhas e livros de alfabetização que foram utilizados, para alfabetização dos alunos no século XX na cidade de Birigui e as entrevistas realizadas com os ex-professores alfabetizadores do município constatamos que: quanto às entrevistas realizadas com os ex-professores alfabetizadores, estes compartilharam conosco suas experiências vividas dentro das salas de aulas, descrevendo como era o processo de alfabetização de seus alunos, os materiais didáticos que utilizavam como apoio e instrumento para alfabetização.

Conclui-se com esta pesquisa que mais de 85% dos ex-professores alfabetizadores de Birigui entrevistados, utilizavam a cartilha *Caminho Suave* como instrumento de trabalho para ensinar a ler e escrever.

Os dados coletados nas bibliotecas e/ou salas de leitura das instituições de ensino de Birigui, também apontam a cartilha *Caminho Suave*, como a mais presente em seus acervos, um total de seis exemplares encontrados, sendo as edições 4^a, 16^a, 84^a, 91^a, 106^a, 129^a. E em segundo lugar vem a cartilha *Carrossel*, um total de três exemplares. As outras 30 cartilhas localizadas nos acervos das instituições são de diversos títulos. Quanto aos livros o que mais apareceu foi o popularmente conhecido como ALP, o livro *Alfabetização – Análise, Linguagem e Pensamento* dos autores, Marco Antonio Hailer e Maria Fernandes Cocco, publicado em 1995.

Frente a todas essas informações podemos dizer que as referências culturais sobre a alfabetização na cidade de Birigui no século XX estão pautadas na teoria tradicional, no qual o material mais utilizado foram as cartilhas, particularmente, a cartilha *Caminho Suave*. E quanto à didática está centrada nos métodos de alfabetização, principalmente o analítico-sintético.

Algumas considerações finais

O presente trabalho nos possibilitou conhecer a história da alfabetização em Birigui no século XX, por meio dos objetivos estabelecidos para esta pesquisa, como o de mapear as cartilhas e livros de alfabetização que circularam em nossa cidade, no referido século. Primeiramente buscamos documentos oficiais, livros, teses e trabalhos já existentes que tratam do assunto, e em seguida para responder ao objetivo proposto realizamos as pesquisas nas bibliotecas e salas de leitura da cidade de Birigui, como também as entrevistas com ex-professores alfabetizadores.

Entrecruzando todos os dados adquiridos no decorrer da pesquisa, concretizando assim a realização do objetivo proposto foi possível conhecer um pouco da história da cidade Birigui, em seu contexto histórico sobre a alfabetização, quem foram muitos dos professores alfabetizadores durante o século XX, o material utilizado e suas angústias com a chegada do construtivismo. Confirmou-se que a cartilha mais utilizada durante o século XX pelos professores alfabetizadores da cidade de Birigui foi a cartilha *Caminho Suave*, podemos dizer

“um clássico do século XX”, pois em pleno século XXI, precisamente 2013 foram localizadas várias edições da referida cartilha, sendo a mais antiga, a edição de nº 4 e a mais nova, a edição de nº 129 de 2010. E quanto às entrevistas foi quase unânime, 85% dos professores alfabetizadores usaram a cartilha *Caminho Suave*. Confirma-se assim que pelos números localizados, e pelas inúmeras vezes que o nome da cartilha *Caminho Suave* foi citada durante as entrevistas que esta é uma referência sobre alfabetização também em Birigui.

Referências

AMÂNCIO, Lazára Nanci de Barros. *Cartilhas, para quê?* Brasília: INEP/COMPED; Cuiabá: EduFMT, 2002.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Cartilha do povo e Upa, cavalinho!* o projeto de alfabetização de Lourenço Filho. 1997. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *História da alfabetização*. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAGALHÃES, Justino. O manual escolar como fonte historiográfica. In: COSTA, Jorge Vale; FELGUEIRAS, Margarida Louro; CORREIA, Luís Grosso. (Org.) *Manuais escolares da biblioteca pública municipal do Porto*. São Paulo, 2000.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. *Emilia Ferreiro e a Alfabetização no Brasil: um estudo sobre a Psicogênese da língua escrita*. São Paulo: UNESP, 2008.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Método analítico, cartilhas e escritores didáticos: ensino da leitura em São Paulo (1890-1920). *História da Educação*, Pelotas, v. 3, n. 5, p. 123-40, abr., 1999.

_____. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo-1876/1994*. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília: MEC, INEP, COMPED, 2000b.

SÁ, Nicanor Palhares; SÁ, Elizabeth Figueiredo. *Revisando a história da escola primária: os grupos escolares em Mato Grosso na primeira república*. Mato Grosso: EdUFMT, 2011.

SERRA, Áurea Esteves. *A Formação do Professor Alfabetizador em Birigui (1961-1976)*. Araraquara, SP: Junqueira&Marim; São Paulo: FAPESP, 2007.